

Reflexões sobre Ética e educação: por uma escola para todos e para a promoção da vida

Cláudio Roberto Brocanelli

Doutor em Educação. Professor Assistente Doutor do Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências Unesp – Marília.

Pensar sobre ética, escrever sobre ética, falar sobre ética, ensinar ética; tudo isso é possível? Bem, levando em consideração que o homem vive e, vivendo, está constantemente forçado a criar um espaço de vida com o outro, um comportamento diante de várias situações com o outro (*ethos*), ele natural e humanamente deve elaborar uma forma de vida que contemple a todos, dignamente.

Ethos

Ethos significa o modo de ser de cada cultura. São os traços característicos do ponto de vista social e cultural.

Dignidade humana é um conceito que traz em si a possibilidade de uma vida “boa” e digna para todos e leva em consideração a condição sensório-motora, intelectual, social, religiosa, política etc. do Homem... Assim, reconhecer e respeitar qualquer diferença é nosso desafio humano.

A partir dessas considerações, vamos pensar juntos, primeiramente, a partir de um texto antigo, escrito pelo filósofo Aristóteles, chamado *Ética a Nicômaco*. A ética é uma preocupação da filosofia grega antiga. Está presente em várias discussões da *pólis* grega e, principalmente, nos discursos filosóficos de Sócrates, Platão e Aristóteles. A questão mais importante para esses filósofos era: *o que faço de bom para mim deve ser estendido aos demais; e o que não quero de mal para mim ou que os outros possam me fazer mal, também não devo desejar aos outros.*

Pólis

Polis é a cidade grega. Os grupos de pessoas crescem na história e se concentram, formando as grandes cidades, definidas também como cidade-estado; surge a ideia de comunidade organizada.

Assim sendo, a ética pode ser entendida como uma práxis do comportamento que orienta e determina uma vida digna a todos; é a prática de um *ethos*. Assim como a política é a prática de vida na *pólis*, ambas vislumbrando o bem de todos os que ali se encontram.

Existem vários tipos de bens ou de benefícios que buscamos diariamente, para a vida pessoal, em família ou em sociedade. Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco* (1973) afirma que tudo o que fazemos, o fazemos em vista de um bem. Este bem não é um bem qualquer, como estes que buscamos todos os dias, apesar de serem bons no contexto de nossa vida com os que estão ao nosso redor. Não é um bem passageiro e que perde seu valor rapidamente; este bem é o melhor de todos (Livro I). A partir daí, cabe aos homens, a todos eles, determinar o que é ou qual é este bem. O filósofo vai dizer que o bem a ser alcançado, o mais alto de todos os bens, é a felicidade e “viver bem e ir bem equivale a ser feliz.” (ARISTÓTELES, 1973, p. 251).

Agora vale a pena pensar o que é ser feliz, o que equivale a ser feliz? Somos felizes sozinhos ou temos o compromisso com o outro, seja quem for, para que esta felicidade seja instaurada em nossa vida, na vida humana, na vida de todos? Todos nós já ouvimos dizer que há mais alegria quando fazemos um bem ao outro do que a nós mesmos. A satisfação após um bem realizado a alguém, por mais simples que seja, é real. A felicidade pode se constituir conforme se desenvolve a nossa vida juntos.

No entanto, mesmo sabendo que há esta possibilidade de vida melhor e feliz com os outros, há confusão entre os homens. É comum as pessoas considerarem que este bem esteja ligado ao prazer; às honrarias, buscando o destaque de seus méritos; a importância de ganhar a vida acumulando dinheiro e riquezas, tudo isso numa preocupação exagerada consigo somente. Este comportamento, certamente, descarta toda a possibilidade de vida ética para o bem de si e dos outros.

Tudo isso distancia o homem do bem maior e da possibilidade de almejá-lo. Vivendo desta forma, como descreve Aristóteles, dificilmente o homem enxergará o outro, pois o exagerado envolvimento com tais preocupações materiais e o que delas provém o imobiliza nas relações com o outro na perspectiva do cuidado, do acolhimento, do respeito, da vida conjunta.

Consideremos, ainda, que vivemos com vistas a várias finalidades durante toda a nossa vida; em alguns momentos isso é mais intenso, em outros menos. Conforme o momento em que estamos vivendo, são muitas as nossas intenções, mas somente uma será a finalidade: o bem maior. Como já citamos anteriormente, o bem maior do homem é a felicidade. Para alcançar esta felicidade ele dependerá de um exercício ativo das faculdades da alma (*anima*), que são Nutritiva, Sensitiva e Intelectual. O exercício das faculdades da alma deve estender-se por toda a vida, a fim de que este percurso seja constante, consistente e em todos os momentos de sua vida.

Nas palavras de Aristóteles (1973, p. 256), “devemos acrescentar que tal exercício ativo deve estender-se por toda a vida, pois uma andorinha não faz verão; da mesma forma, um só dia, ou um curto lapso de tempo, não faz um homem bem aventurado e feliz.” É muito importante que seja considerado o aspecto “ativo” desta condição humana. Quando dizemos “ativo” significa que cada pessoa, integralmente, deve voltar-se para tal exercício com todas as suas forças e atenção permanente. Manter-se numa vida digna de ser vivida a si mesmo e aos outros é um desafio a todos nós.

Na atualidade, talvez mais que em tempos de Aristóteles, os desafios são maiores, levando em conta as oportunidades de vida a sós, de uma vida que incentiva o descarte, que privilegia o consumo de bens materiais e culturais individualmente etc. Tudo o que vivemos e de acordo com a mentalidade disseminada de cada época é que determinará nosso comportamento ético; tudo o que está ao nosso redor influencia positiva ou negativamente as nossas ações cotidianas, sejam as direcionadas a si mesmo ou aos outros. Por isso, de acordo com o que nos alerta Aristóteles, é preciso que a ética se efetive a partir de uma prática constante, um exercício permanente, sem volta.

Como dizíamos anteriormente, o bem a ser buscado, o verdadeiro e maior bem, é aquele pertinente à alma. É nesse sentido que se coloca uma questão a ser pensada pelos educadores e todos os envolvidos com a escola: é possível “aprender a ser feliz” ou “ser feliz graças ao hábito ou a algum tipo de exercício”. Assim, podemos afirmar claramente: muitas ações podem ser ensinadas, mas no que diz respeito à felicidade, isso depende de uma atividade da alma e suas disposições.

Neste “percurso” apresentam-se as disposições da alma. São estas disposições que determinam as atitudes dos seres humanos; ou seja, aquilo que cada pessoa carrega em sua alma, refletirá no seu cotidiano. Se a alma tem suas disposições para a injustiça, também as suas atitudes serão, em grande medida, injustas para com todos os demais. Por outro lado, caso a pessoa tenha em sua alma as disposições para a justiça e para o bem de si e dos outros, todas as suas atitudes serão justas. Devemos entender: a exigência para este *ethos* é grandiosa. Viver permanentemente neste exercício é desafiador.

Assim, a justiça é considerada a maior de todas as excelências, a mais elevada forma de excelência moral. Esta ideia implica na necessidade de uma reflexão constante sobre a prática docente e a gestão escolar, constituindo-se efetiva e ativamente em todos os momentos da convivência no espaço da escola, bem como do sistema de ensino. Exige uma visão do que se dá no cotidiano, em cada momento, exigindo uma postura ou uma atitude fundamentada nas disposições da alma.

Em outros termos, filósofos contemporâneos têm pensado questões éticas “na” e “para” a atualidade.

Ética e Educação na atualidade: alguns apontamentos

O século XX, por ser um século marcado por barbáries e holocaustos, é tema de debate, discussão e reflexão dos pensadores alemães da Escola de Frankfurt. Os frankfurtianos, especialmente Adorno e Horkheimer, elaboraram uma crítica a várias ações desse século, levando em consideração a importância de uma cultura contrária à barbárie e a toda espécie de relação entre as pessoas que possa promover violência. Para que tal feito se realize, para eles, a educação tem papel fundamental e pode oferecer caminhos de superação de conflitos e promover uma vida mais digna de ser vivida para todos.

A Escola de Frankfurt teve a tarefa de elaborar esta crítica a tudo o que educa o homem a algum tipo de resignação ao mundo do mercado, do resultado imediato, da perda dos valores, da expropriação da experiência, da legitimação da violência, enfim, da exclusão. A vida no século XX e neste em que estamos reclama a postura das pessoas de forma que prevaleça a ética, o cuidado com o outro, a alteridade, a solidariedade; isto demonstra o dever humano de repensar sempre as situações vividas e perceber o sofrimento alheio.

Neste cenário, a escola tem a importante função de fortalecer seu vínculo com a ética e de conduzir os indivíduos, todos, à 'amplitude de experiências'. Seguindo esta orientação, a relação entre ética e educação deve ser mais pensada (refletida) do que demonstrada e ensinada. Nossa vida, coletivamente, exige a reflexão constante neste mesmo sentido e a elaboração de uma crítica a tudo o que impede a vida digna das pessoas, independentemente de suas condições. A reflexão na escola, em todos os momentos, deve estar pautada na leitura do mundo moderno, percebendo as condições de uma 'sociedade administrada' e superando-a.

Assim, como nos afirma Silva (2001, p. 209), devemos

insistir em uma educação que sensibilize as pessoas para o exercício da alteridade, dizendo-lhes que aqueles contra os quais elas descarregam todo o seu ódio e violência são sujeitos que, como elas, podem sofrer, amar, ser felizes ou infelizes.

Todas as relações humanas causam algum tipo de reação, que pode ser **boa** e favorecer uma vida melhor, ou ser **negativa** e causar danos à vida alheia. Algumas dessas reações podem ser irreparáveis, pois alimentam formas de vida excludentes e preconceituosas.

Quando analisamos as relações humanas estabelecidas ao longo da história, especificamente com o público da Educação Especial, verificamos que alterações ao longo do tempo influenciaram a forma de concebê-lo como ser social. Schlünzen, Rinaldi e Santos (2011, p. 150-151) sistematizaram esse processo em quatro fases, a saber:

Fase 1 - Exclusão: anterior ao século XX, os deficientes eram considerados indignos de educação escolar, permaneciam confinados ao lar ou em instituições como asilos, sanatórios etc.

Fase 2 - Segregação: já no século XX, na década de 1950, começa-se a considerar a necessidade de educação para os deficientes, porém com "atendimento especial", "material especial", "professor especial". Nesse período, surgem as escolas especiais e, mais tarde, as classes especiais dentro de escolas comuns. O sistema educacional brasileiro cria dois subsistemas (Educação comum e Educação especial), aparentemente com os mesmos objetivos, ou seja, "*formar o cidadão para a vida em sociedade e no trabalho*". Para esse momento, pode-se dizer que as escolas especiais se constituíram como instituições revolucionárias, pois ofereciam ensino para quem sequer o tinha como direito.

Fase 3 - Integração: aproximadamente na década de 1970, inicia uma mudança filosófica em que as escolas regulares passam a “aceitar” crianças ou adolescentes deficientes na classe comum, desde que conseguissem se adaptar à escola comum. Ou seja, o objetivo consiste no fato de que o aluno é quem deve se adaptar à escola.

Fase 4 - Inclusão: A partir da segunda metade da década de 1980, tem-se início o processo de discussão que entende que é a escola que deve adaptar-se para incluir o aluno. Tais discussões pressupõem: (a) valorização das diferenças individuais, como possibilidade de crescimento para todas as pessoas; (b) direito de pertencer e de não ficar de fora; (c) igual valor para as minorias.

Ainda segundo as autoras, “os seres humanos são compreendidos enquanto seres históricos e sociais que têm como características principais a capacidade de aprender e se desenvolver de forma interdependente no grupo social” (SCHLÜNZEN; RINALDI; SANTOS, 2011, p. 150).

Assim, a elaboração de uma Teoria Crítica da sociedade, pensando com Horkheimer (1975, p. 163), “tem como objetivo os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida”. Tudo o que se apresenta ao homem deve ser pensado por ele de modo que perceba o seu poder diante das atividades, sendo um sujeito realmente ativo (de alguma forma) em suas funções a fim de participar da construção do mundo. Não se trata de pensar em aspectos espirituais ou distantes, mas em lutar por uma forma de vida imersa na realidade concreta e efetiva.

[...] na formação de suas categorias e em todas as fases de seu desenvolvimento, segue conscientemente o interesse por uma organização racional da atividade humana: clarificar e legitimar esse interesse é a tarefa que ela confere a si própria. Pois para a teoria crítica não se trata apenas dos fins tais como são apresentados pelas formas de vida vigentes, mas dos homens com todas as suas possibilidades. (HORKHEIMER, 1975, p. 164).

Pensar em valorizar as possibilidades de vida implica em permitir que se apresentem as potencialidades de cada um da forma mais livre possível. Faz-se necessária uma formação que se instale na sua atuação e leitura da própria vida, tendo a postura ética de compromisso com o momento presente. O educador, a partir de seu compromisso com a escola e a própria educação, tem o dever de viver e demonstrar uma vida digna também em sua profissão docente, transmitindo valores em sua própria prática cotidiana, estabelecendo experiências com todas as pessoas, respeitando as diferenças e valorizando todas suas potencialidades.

Em *Educação e emancipação*¹ (1995), Theodor Adorno nos oferece as principais linhas de seu pensamento referentes à educação, ao magistério e às condições em que estes dois polos de ensino se encontram, possibilitando-nos uma reflexão filosófica acerca da educação e das possibilidades para uma experiência formativa frente ao mundo da “indústria cultural”. Nesse sentido, o caminho para o diagnóstico dessa realidade e a possibilidade de uma superação das dificuldades que impedem a emancipação dos seres humanos na atualidade está na crítica

permanente, evitando a repetição dos males acontecidos no século XX que mantêm o presente prejudicado.

A educação não pode permanecer pautada somente nas estratégias de esclarecimento da consciência, mas levar em conta e em grande medida, mediante a realidade atual, a forma social em que ela se dá hoje, concretizando-se como apropriação de conhecimentos técnicos. Não somos emancipados porque não somos capazes ainda de, por meio de tanta informação, técnica e conhecimentos, acabar com a miséria, a barbárie e tantos outros problemas sociais. Quando falamos em barbárie, no século XX, ela estava claramente expressa nas guerras e na exclusão de grande contingente de pessoas; hoje, apesar de uma superação destes momentos de grandes Guerras Mundiais, há ainda as guerras de forma concentrada, bem como violência, falta de segurança, miséria, fome, falta de assistência social adequada em todas as instâncias, falta de escolas e de acesso a elas etc.

A característica da sociedade moderna, seguindo também o pensamento de Walter Benjamin, está moldada de acordo com uma crise da formação cultural e à deficiência da experiência cultural continuada (ADORNO, 1995), tendo como motor a indústria cultural que determina a estrutura pela produção, pelo consumo das mercadorias e pela manipulação dos sentidos da vida e objetos culturais com seus conteúdos irracionais ou conformistas. Enfrentamos, assim, a tragédia da formação na sociedade capitalista: a **semiformação**.

Semiformação

A semiformação se caracteriza como uma espécie de formação que se funda e se realiza na falsa experiência afirmativa e satisfeita somente com o consumo dos bens culturais, estes já estabelecidos e determinados pela indústria cultural. Tal satisfação trava as possibilidades da experiência formativa e provoca a regressão dos sentidos (ADORNO, 1995).

Nesse contexto, duas situações ou condições precisam ser resgatadas: uma é a disposição e a entrega do espírito à sua proposta inicial que, nesse caso, são o professorado e o ensino, que constituem a educação; outra é a não conformação com a realidade atual e a reflexão acerca dessa fatalidade e de outras produzidas constantemente na vida social, repensando o seu lugar no mundo.

Que Auschwitz não se repita é a frase que resume o dever e a função da educação em não permitir a permanência dessa realidade miserável, desigual e anticivilizatória (ADORNO, 1995).

É necessário contrapor-se a tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias e das necessidades de cada um que se aproxima. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica (ADORNO, 1995, p. 121).

Esta autorreflexão deve ser permanente, constituindo cada pessoa como indivíduo e sujeito de sua vida e história, da forma como cada uma dessas vidas se apresenta.

Auschwitz

Auschwitz é o nome do lugar onde foram instalados, na Segunda Guerra Mundial, vários campos de concentração e um campo de extermínio, no sul da Polônia. Quando se fala em Auschwitz, logo se pensa no extermínio cometido injustamente aos judeus e a todos as pessoas com alguma deficiência.

Considerações finais

Diante do exposto é importante chamar a atenção do leitor para a importância e o fundamento da Educação Inclusiva na Ética humana, no cotidiano e no comportamento de cada pessoa. Se a ética tem seus pressupostos voltados para o cuidado com o outro, com o acolhimento e com a sensibilidade para que seja instaurada uma cultura de inclusão em todos os espaços, então, a atenção de todas as pessoas deve estar em consonância com tal premissa, de forma que, a cada experiência de vida, efetive-se a sua realização. Não é possível uma vida humana sem a sua valorização; não é possível a humanidade enquanto pessoas são desconsideradas, descartadas, excluídas, marginalizadas, desvalorizadas etc.

A promoção da vida humana se estabelece a partir de relações que se abrem ao acolhimento e à sensibilidade. Não se pode atender somente à legislação para que o outro tenha seu espaço garantido. É preciso que, além do aparato legal, todos carreguem em si mesmos esta iniciativa e esta disposição para o cuidado com o outro a fim de permitir que todos, sem exceção, tenham qualidade de vida.

Dessa forma, desde a primeira infância, é preciso atentar à formação para essa autorreflexão, possibilitando um clima intelectual, cultural e social que não permita a repetição da barbárie e alcance a superação do mal estar na cultura, empreendendo, gradativamente, mudanças mediante a educação e o esclarecimento. Para tanto, uma das saídas mais frutíferas que é assinalada nos tempos hodiernos é considerar o Outro como aspecto importante para se construir relações saudáveis entre as pessoas, o que pode revigorar o campo ético e o seu ensino, ou, como já assinalamos, o seu testemunho em cada momento de vida.

Todos os espaços e momentos vividos na escola devem favorecer este respeito mútuo ao outro. Professores, gestores, alunos, pais e toda a comunidade têm a obrigação ética imbuída no ser humano de forma que seja expressa em valores e o cuidado com a diferença. O respeito sempre irá favorecer boas relações de convivência, de ensino, de trocas frutíferas e do reconhecimento e valorização das potencialidades.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: Fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. 4. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

HORKHEIMER, M. *Filosofia e Teoria Crítica*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores: textos escolhidos).

SCHLÜZEN, E.; RINALDI, R.; SANTOS, D. Inclusão escolar: marcos legais, atendimento educacional especializado e possibilidade de sucesso escolar para pessoas com deficiência. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de Formação*: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 148-160, v. 9.

SILVA, D. J. da. *Ética e educação para a sensibilidade em Max Horkheimer*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001. (Coleção Fronteiras da Educação).

Notas

- 1 Este trecho a seguir aparece também no texto *Ética e Educação: um sentido (mais) humano para a docência*, disponibilizado no Saiba mais. <[voltar](#)>